

TRABALHO: ELEMENTO CENTRAL DA SUBJETIVIDADE HUMANA

Os referenciais se tornam velhos quando não têm mais capacidade explicativa e não porque esses se enfrentam com problemas novos.

Paola Manacorda

Jair José Maldaner

(1) Escola Técnica Federal de Palmas TO , 208 Norte Alameda 6 QI 4 Lote 10 63 3213 2985 84115152 jair@etfto.gov.br

Resumo

Autores consagrados da sociologia atual como Claus Offe, Adam Schaff, Robert Kurz afirmam que o trabalho não é mais elemento orientador da subjetividade humana. Em contraponto a esta corrente autores como Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes reafirmam o papel centralizador do trabalho na organização social confirmando seu caráter ontológico. Este trabalho tem o intuito de analisar a realidade do trabalho a partir das categorias marxianas colocando-o como elemento central da subjetividade humana. Faremos uma compilação bibliográfica para levantar argumentos a favor da centralidade da categoria trabalho tendo como base textos de Marx, Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes.

Abstract

Authors determined that the current sociology Claus Offe, Adam Schaff, Robert Kurz said that the work is no longer the director element of subjectivity of man. Unlike the current authors as Gaudêncio Frigotto and Ricardo Antunes reaffirm the central role of work in the organization social confirming its ontological character. This article intends to consider the reality of work on marxianas categories as the central element of human subjectivity. We will do a compilation literature to raise arguments in favor of the centrality of the class work based on texts by Marx, Gaudêncio Frigotto and Ricardo Antunes.

Palavras-chave: Educação, Trabalho, Subjetividade humana.

Keywords: Education, Labour, Human subjectivity.

Introdução

A subjetividade humana é tratada ao longo da história a partir de vários referenciais teóricos. Para Freud, o elemento fundamental para a constituição do sujeito são os processos inconscientes. Numa perspectiva marxista o trabalho é o eixo fundamental para a constituição da subjetividade. Estes dois autores colocam em xeque toda tradição cartesiana/positivista que colocou toda ênfase nas relações objetivas, de certa forma, esquecendo o sujeito do próprio conhecimento e sua constituição. Trabalharemos neste texto a perspectiva da subjetividade humana a partir do conceito de trabalho, em outras palavras, o trabalho visto do ponto de vista ontológico, como elemento constituidor do ser humano. Para isto vamos recorrer a autores como Claus Offe, Adam Schaff e Robert Kurz que anunciam o fim deste caráter ontológico e fazer uma contraposição a partir de autores marxistas como Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes que mantêm a perspectiva de centralidade do trabalho.

Para Frigotto (2003) é visível o fato de que estão acontecendo mudanças profundas no mundo do trabalho. Mas é problemático deduzir da atual crise a perda da centralidade do trabalho na vida humana. A atual fase pela qual passa o capitalismo não significa o fim da centralidade do trabalho enquanto processo criador do humano.

A Crítica da Centralidade do Trabalho – Claus Offe, Adam Schaff e Robert Kurz

Segundo Claus Offe, se considerarmos as respostas fornecidas entre o final do século XVIII e o final da I Guerra Mundial chegaremos à conclusão de que ao trabalho foi atribuída uma posição-chave na teoria sociológica. Hoje, a questão central é: ainda podemos preservar esta preocupação "materialista" dos clássicos da Sociologia? Para Offe o abrangente poder de determinação do fato social do trabalho (assalariado), e suas contradições, hoje se tornou sociologicamente questionável.

Do ponto de vista da pesquisa social há um declínio do modelo “centrado no trabalho”. A pesquisa social parece estar preponderantemente voltada para estruturas sociais e esferas de atividade que se situam nas margens, ou completamente fora, do domínio do trabalho - como família, papéis sexuais, saúde, comportamento "desviante", interação entre a administração pública e sua clientela etc.

Em relação a essa perda da centralidade do trabalho, Offe faz alguns questionamentos os quais responde positivamente: A sociedade está objetivamente menos moldada pelo fato do trabalho? A esfera da produção e do trabalho está perdendo sua capacidade de determinar a estrutura e o desenvolvimento da sociedade mais ampla? Pode-se afirmar que, não obstante o fato de uma esmagadora parcela da população depender de salário, o trabalho se tornou menos central para os indivíduos e para a coletividade? Pode-se, portanto falar de uma "implosão" da categoria trabalho?

Offe argumenta em favor de sua tese dizendo que há vários processos que levam a crer a perda da centralidade do trabalho tais como: uma diferenciação no interior do conceito de trabalho, terceirização, ampliação do setor de serviços, declínio da ética do trabalho, ou seja, o poder de convencimento da idéia do trabalho como um dever humano ético está provavelmente se desintegrando. E principalmente, no nosso entendimento, que a dimensão subjetiva do trabalho também estaria sendo enfraquecida e o trabalho estaria perdendo seu poder de determinar a vida social.

Outro pensador que defende essa tese é o polonês Adam Schaff. Em seu livro *A Sociedade Informática* também critica a tese da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea anunciando o fim das classes sociais fundamentais. Neste livro Schaff avalia os impactos da industrialização na humanidade dizendo que a 1ª revolução industrial possibilitou dilatar e substituir a força física do homem e na 2ª revolução industrial (que assistimos agora) as capacidades intelectuais do homem são ampliadas e substituídas por autômatos, que eliminam o trabalho humano na produção e nos serviços, o que pode ser chamado de determinismo tecnológico.

No plano econômico, segundo Schaff é perceptível o acirramento do desemprego estrutural. A saída seria substituir o trabalho tradicional por atividades que dessem sentido a vida. *“ainda que seja somente para assegurar o bem-estar psíquico dos homens que não trabalham”* (FRIGOTTO, 2003 p. 101).

Adam Schaff faz o anúncio do fim do trabalho abstrato na sociedade informática. No futuro a sociedade não será nem o capitalista nem o socialista. Talvez uma economia coletivista. No plano político haveria o fortalecimento da democracia e a educação teria papel fundamental. No plano cultural e pessoal o modo de vida desloca-se do *homo laborans* para o *homo ludens*, o que implicará um novo quadro de valores (FRIGOTTO, 2003, p. 103).

Outro autor que afirma o fim da centralidade do trabalho é Robert Kurz. Em sua obra *o colapso da modernização* indica que há uma crise do trabalho abstrato e este perdeu o seu papel de orientador da subjetividade humana. Segundo Frigotto (2003), para Kurz a modernização constituída pela forma mercadoria de produção e de relações sociais (capitalismo e socialismo real) entra numa crise qualitativamente diferente das crises cíclicas e está no horizonte do colapso.

Quanto à questão do trabalho, das classes sociais e da perspectiva da ruptura do capitalismo, Kurz aposta deterministicamente na agonia e no fim do trabalho abstrato, da mercadoria força de trabalho e no fim das classes sociais (FRIGOTTO, 2003 p. 104).

A Contra-crítica: Karl Marx, Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes

Para Frigotto (2003), Claus Offe incorpora em seu pensamento a idéia de Habermas de que Marx teria se equivocado ao atribuir primazia fundamental à produção material. Habermas e Offe dão primazia à centralidade da comunicação (linguagem), Conseqüentemente se afastam da dimensão histórica e ontológica do trabalho.

Segundo Frigotto (2003 P. 114), os argumentos de Offe são frágeis porque nada parece indicar que para as grandes massas dos trabalhadores, o trabalho entendido como emprego, venda da força de trabalho, esteja ausente como algo fundamental do espaço vital, do modo de vida, do cotidiano. Mesmo a Europa, em face do desemprego estrutural que a atormenta, procura de todas as formas proteger seus postos de trabalho. Para isso basta que olhemos os jornais e periódicos que indicam medidas seguidamente tomadas pelos países europeus em relação aos imigrantes e em relação à contenção do desemprego.

No Brasil e em outros países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento o trabalhador luta para ser mercadoria, pois o fato de ser empregado, mesmo sob a forma de mercadoria, é melhor que o desemprego ou subemprego.

Para Frigotto (2003 P. 121), ao abandonar a perspectiva ontológica do trabalho e ao analisar dados relativos da questão do trabalho enquanto emprego, tarefa, ocupação; Offe deduz a crise do trabalho em geral e daí, a perda de sentido do trabalho enquanto categoria sociológica para explicar as relações sociais.

Adam Schaff ao afirmar o fim do trabalho como emprego sob o capitalismo, não está se referindo ao fim do trabalho como atividade humana, como constitutivo do próprio ser humano, ou seja, a dimensão ontológica/subjectiva; mas se refere à dimensão do trabalho abstrato sob as relações capitalistas.

Para Kurz, a contradição gerada pelo avanço das forças produtivas e o engessamento das relações sociais, implodiria tanto o proletariado quanto a burguesia. Em lugar de uma classe trabalhadora surgiria um coletivo dotado de uma “razão sensível”. Neste caso substitui-se a dialética da materialidade das relações sociais, por uma utopia (ir) racionalista ou por um determinismo lógico.

Frigotto nos alerta que embora Schaff insista na dimensão de homem social formulada por Marx, e Kurz nos fale de um ‘coletivo’ dotado de uma consciência crítica, ambos, por caminhos diversos, têm como pressuposto que a passagem para uma nova ordem que evitam chamar de socialista, se dá sem o concurso das classes sociais (FRIGOTTO, 2003 p. 129).

Para Frigotto (2003, p.132), a crise da forma mercadoria de trabalho, do trabalho abstrato, não significa o fim da centralidade do trabalho enquanto processo criador do humano. A superação da crise somente se efetivará, pela raiz, mediante um processo de embates concretos que concorram para a negação das relações sociais de produção fundas (sic) na cisão das classes sociais, pela mercantilização da força de trabalho, em suma, pela alienação.

Esta travessia não se dará pelo concurso, pura e simplesmente da “revolução tecnológica” (Schaff), quer pela “ação comunicativa” (Habermas e Offe) ou pela “razão sensível” (Kurz). Resultará, concretamente, de um embate de forças cuja configuração cada mais opaca não elide sua existência, as classes e grupos sociais, mas os pressupõe. (FRIGOTTO, 2003 p.133).

Portanto, é necessário insistir nas categorias marxistas, pois elas são, ainda hoje, a melhor forma de se analisar a sociedade.

A Reafirmação da Centralidade do Trabalho

Para autores como Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes a categoria trabalho é central para a constituição da subjetividade humana. Segundo eles, é em Marx que encontramos as raízes desta centralidade do trabalho e das relações de produção na constituição da subjetividade humana quando na Ideologia alemã se afirma que o homem é um ser social e estabelece relações materiais de existência.

Neste sentido, diferentemente dos animais, num dado momento da história o homem começa a produzir os seus meios de existência e desta forma produzem, indiretamente, sua própria vida material. O que eles são coincide, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção. Não é a consciência que determina seu ser, mas, ao contrário, as condições reais, materiais de existência que determinam a consciência dos homens. (MARX 1999).

Para Antunes (2005 p. 167), a importância da categoria trabalho está em que ela se constitui como fonte originária, primária, de realização do ser social, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana. Antunes (2005 p. 168) assevera ainda que o trabalho é um momento efetivo de colocação de finalidades

humanas, ele mostra-se como uma experiência elementar da vida cotidiana, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais.

As mudanças estruturais em andamento no mundo do trabalho nos mostram que apesar da heterogeneização, complexificação e fragmentação da classe trabalhadora, as possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se originam centralmente no mundo do trabalho; um processo de emancipação simultaneamente *do* trabalho, *no* trabalho e *pelo* trabalho. (ANTUNES 2005 p. 216).

Além do mais no universo da sociabilidade humana não é perceptível a extinção do trabalho como elemento criador de valores de uso, coisas úteis e forma de intercâmbio entre o ser social e a natureza.

Se é possível visualizar, para além do capital, a eliminação da sociedade do trabalho abstrato, é algo ontologicamente distinto supor ou conceber o fim do trabalho como atividade útil, como atividade vital, como elemento fundante, protoforma da atividade humana. Em outras palavras: uma coisa é conceber, com a eliminação do capitalismo, também o fim do trabalho abstrato, do trabalho estranhado; outra, muito distinta, é conceber a eliminação, no universo da sociabilidade humana, do trabalho concreto, que cria coisas socialmente úteis e ao fazê-lo (auto) transforma o seu próprio criador. Antunes (ANTUNES, 2005 p. 215).

A centralidade do trabalho e seu papel na constituição da subjetividade humana está presente, por exemplo, no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Constam deste programa do Ministério da Educação alguns princípios que reforçam o papel do trabalho na formação da subjetividade do trabalhador.

No item 3.2 do texto base do Proeja fica clara a importância da categoria trabalho, agora vista numa perspectiva gramsciana: *“O quarto princípio compreende o trabalho como princípio educativo. A vinculação da escola média com a perspectiva do trabalho não se pauta pela relação com a ocupação profissional diretamente, mas pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho — ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem”*.

O documento coloca ainda que é necessário promover, no decorrer do processo formativo,

atividades político-pedagógicas baseadas em metodologias inovadoras dentro de um pensamento emancipatório de inclusão, tendo o trabalho como princípio educativo; o direito ao trabalho como um valor estruturante da cidadania; a qualificação como uma política de inclusão social e um suporte indispensável do desenvolvimento sustentável, a associação entre a participação social e a pesquisa como elementos articulados na construção desta política e na melhoria da base de informação sobre a relação trabalho-educação-desenvolvimento. Isso possibilita a melhoria das condições de trabalho e da qualidade social de vida da população. (BRASIL, MEC, Documento Base Proeja)

Segundo dados do IBGE, PNAD 2003, 62 milhões de jovens e adultos não tiveram condições de completar a educação básica nos tempos da infância e da adolescência. O grande desafio dos governos e da sociedade é garantir, mediante políticas públicas, acesso à alfabetização, ao ensino fundamental e à educação profissional de qualidade para estas pessoas e prezar pela permanência delas nos estudos.

Considerações finais

Frigotto (2003) nos indica que as críticas em relação às grandes teses do marxismo que falam que o projeto socialista é uma quimera do passado e a teoria histórica de Marx e Engels estaria morta; que a humanidade teria aprendido que as leis da liberdade natural do mercado, da livre concorrência, portanto, o capitalismo, seria a forma de organização social definitiva e desejável à humanidade; são incoerentes e são fruto de análise pouco profunda. Frigotto vê que o tratamento das relações entre trabalho-educação é um esforço de remar contra a corrente. Admite uma crise estrutural do capitalismo real e sua recomposição gera violência, exclusão e barbárie.

As concepções marxistas são ainda hoje a base que nos permite fazer uma análise da sociedade Capitalista e das relações entre trabalho e educação, porque

- 1-Não podemos postular a morte do marxismo porque o seu objeto não desapareceu- o capitalismo.
 - 2-Uma teoria não deve ser abandonada porque enfrenta problemas novos. Ou seja, o capitalismo parece estar mudando de aparência, ou passando por mudanças imprevistas e imprevisíveis.
 - 3-Insistir na tarefa da esquerda e não aderir ao pragmatismo do capitalismo que globaliza sua forma de extração de mais-valia e redefine suas formas de exclusão.
- (FRIGOTTO, 2003 p.16-17).

Antunes (2005, p. 223) argumenta ainda em favor da centralidade do trabalho, que em vez da substituição do trabalho pela ciência, ou substituição da produção de valores pela esfera comunicacional, da substituição da produção pela informação, o que vem ocorrendo no mundo contemporâneo é uma maior inter-relação, maior interpenetração, entre as atividades fabris e de serviços, entre as atividades laborativas e as atividades de concepção, que se expandem no contexto da reestruturação produtiva do capital, possibilitando a emergência de processos produtivos pós-tayloristas e pós-fordistas. Uma concepção ampliada do trabalho nos possibilita entender o papel que ele exerce na sociabilidade contemporânea neste limiar do século XXI.

O papel central do trabalho na análise das relações capitalistas e sua função ontológica parecem estar garantidas apesar das grandes mudanças, reestruturações e contradições pelas quais passa o mundo do trabalho e a classe trabalhadora. Esta tendência parece também estar presente nos próprios documentos e ações do Ministério da Educação que vem implantando programas, como o Proeja, que mantém a concepção de trabalho como princípio educativo e como elemento central para a constituição da subjetividade humana.

Finalmente, a reflexão em torno do papel do trabalho e sua dimensão ontológica deverá estar presente nos meios acadêmicos em geral e, em especial, na Rede Federal de Educação Tecnológica nos momentos de tomada de decisão em relação às políticas de qualificação profissional assumidas em nossas instituições.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 7ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Documento Base**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/setec>>. Acesso 01.07.2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Fim da Sociedade do Trabalho e a não Centralidade do Trabalho na Vida Humana**. In: Educação e a Crise do Capitalismo Real. 5ª Ed. São Paulo, Cortez, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 11ª Ed. São Paulo, Hucitec, 1999.

OFFE, Claus. **Trabalho: a categoria-chave da sociologia?** 1989, Disponível em
<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_01.htm>. Acesso em 06.07.2008.